



Lista de personagens
Árvores genealógicas

Parte 1

1. Falcões: Wiltshire, setembro de 1535
2. Corvos: Londres e Kimbolton, outono de 1535
3. Anjos: Stepney e Greenwich, Natal de 1535 — Ano-Novo de 1536

Parte 2

1. O Livro Negro: Londres, janeiro-abril de 1536
2. Senhor dos fantasmas: Londres, abril-maio de 1536
3. Espólios: Londres, verão de 1536

Nota da autora
Agradecimentos

Autora
Créditos

Lista de personagens

A CASA CROMWELL

Thomas Cromwell, filho de um ferreiro: agora secretário do rei, arquivista-mor, chanceler da Universidade de Cambridge e vice-regente do rei para assuntos relacionados à Igreja na Inglaterra

Gregory Cromwell, filho

Richard Cromwell, sobrinho

Rafe Sadler, seu principal funcionário, criado por Cromwell como filho

Helen, a bela esposa de Rafe

Thomas Avery, o contador da família

Thurston, chefe de cozinha

Christophe, criado

Dick Purser, tratador dos cães de guarda

Anthony, bufão

OS MORTOS

Thomas Wolsey, cardeal, legado papal, lorde chanceler: deposto do cargo, preso e morto em 1530

John Fisher, bispo de Rochester: executado em 1535

Thomas More, lorde chanceler sucessor de Wolsey: executado em 1535

Elizabeth, Anne e Grace Cromwell, esposa e filhas de Thomas Cromwell, mortas em 1527-8; também Katherine Williams e Elizabeth Wellyfed, suas irmãs

A FAMÍLIA DO REI

Henrique VIII

Ana Bolena, sua segunda esposa
Elizabeth, filha infanta de Ana, herdeira do trono
Henry Fitzroy, duque de Richmond, filho ilegítimo do rei

A OUTRA FAMÍLIA DO REI

Catarina de Aragão, primeira esposa de Henrique, divorciada e
sob prisão domiciliar em Kimbolton
Maria, filha de Henrique com Catarina e herdeira alternativa do
trono: também sob prisão domiciliar
Maria de Salinas, ex-dama de companhia de Catarina de Aragão
Sir Edmund Bedingfield, guardião de Catarina
Grace, sua esposa

AS FAMÍLIAS HOWARD E BOLENA

Thomas Howard, duque de Norfolk, tio da rainha: antigo e feroz
membro da nobreza e inimigo de Cromwell
Henry Howard, conde de Surrey, seu jovem filho
Thomas Bolena, conde de Wiltshire, pai da rainha: o
“monsieur”
George Bolena, lorde Rochford, irmão da rainha
Jane, Lady Rochford, esposa de George
Mary Shelton, prima da rainha
E fora de cena: Maria Bolena, irmã da rainha, ex-amante do rei,
agora casada e vivendo no interior

A FAMÍLIA SEYMOUR, DE WOLF HALL

O velho Sir John, notório por ter vivido um caso amoroso com
sua nora
Lady Margery, sua esposa
Edward Seymour, filho mais velho
Thomas Seymour, um dos filhos mais novos
Jane Seymour, filha, dama de companhia de ambas as rainhas de
Henrique
Bess Seymour, irmã de Jane, casada com Sir Anthony Oughtred,

governador de Jersey; mais tarde viúva

OS CORTESÃOS

Charles Brandon, duque de Suffolk: viúvo da irmã de Henrique VIII, Maria; nobre de intelecto limitado

Thomas Wyatt, cavalheiro de intelecto ilimitado: amigo de Cromwell; amplamente suspeito de ser um dos amantes de Ana Bolena

Harry Percy, conde de Northumberland: jovem nobre, doente e endividado, outrora noivo de Ana Bolena

Francis Bryan, “o Vigário do Inferno”, parente tanto dos Bolena quanto dos Seymour

Nicholas Carew, cavalariaço real: inimigo dos Bolena

William Fitzwilliam, tesoureiro real, também inimigo dos Bolena

Henry Norris, conhecido como “o Gentil Norris”, chefe da câmara privada do rei

Francis Weston, um jovem cavalheiro imprudente e extravagante

William Brereton, cavalheiro mais velho, turrão e encrenqueiro

Mark Smeaton, um músico suspeitosamente bem-vestido

Elizabeth, Lady Worcester, dama de companhia de Ana Bolena

Hans Holbein, pintor

OS CLÉRIGOS

Thomas Cranmer, arcebispo da Cantuária, amigo de Cromwell

Stephen Gardiner, bispo de Winchester, inimigo de Cromwell

Richard Sampson, assessor jurídico do rei em assuntos matrimoniais

OS FUNCIONÁRIOS DE ESTADO

Thomas Wriothesley, conhecido como Me-Chame-Risley, guarda-selos

Richard Riche, procurador-geral

Thomas Audley, lorde chanceler

OS EMBAIXADORES

Eustache Chapuys, embaixador do imperador Carlos V

Jean de Dinteville, enviado francês

OS REFORMISTAS

Humphrey Monmouth, comerciante abastado, amigo de Cromwell e simpatizante do Evangelho: patrono de William Tyndale, o tradutor da Bíblia, agora preso nos Países Baixos

Robert Packington, comerciante de simpatias semelhantes

Stephen Vaughan, comerciante na Antuérpia, amigo e agente de Cromwell

AS “ANTIGAS FAMÍLIAS” COM PRETENSÕES AO TRONO

Margaret Pole, sobrinha do rei Eduardo IV, partidária de Catarina de Aragão e da princesa Maria

Henry, lorde Montague, seu filho

Henry Courtenay, marquês de Exeter

Gertrude, sua ambiciosa esposa

NA TORRE DE LONDRES

Sir William Kingston, o condestável

Lady Kingston, sua esposa

Edmund Walsingham, seu substituto

Lady Shelton, tia de Ana Bolena

Um carrasco francês

Não sou um homem como os outros? Não sou? Não sou?

Henrique VIII a Eustache Chapuys, embaixador imperial

Não sou um homem como os outros? Não sou? Não sou?
Henrique viii a Eustache Chapuys, embaixador imperial

Parte 1

1. Falcões

Wiltshire, setembro de 1535

Suas filhas estão despencando do céu. Ele as observa montado no cavalo, a imensidão dos campos da Inglaterra às suas costas; elas arremetem para baixo, as asas douradas pelo sol, ambas com o olhar sedento de sangue. Grace Cromwell paira no ar rarefeito. Agarra sua presa em silêncio e, também em silêncio, plana até pousar de novo no punho dele. Mas os sons que ela faz ao voltar, o crocitar e o roçar de plumas, o suspirar e o rufar das asas, os pequenos estalos emitidos com a garganta, são todos sons de reconhecimento, íntimos, filiais, quase queixosos. Seu peito está manchado de sangue e há carne presa às suas garras.

Mais tarde, Henrique dirá, “Suas meninas voaram bem hoje”. O falcão Anne Cromwell saltita na luva de Rafe Sadler, que cavalga ao lado do rei, ambos entretidos numa conversa amena. Estão cansados; o sol declina, e eles voltam a Wolf Hall com as rédeas folgadas sobre o pescoço das montarias. Amanhã, sua esposa e as duas irmãs voarão. Aquelas mulheres mortas, seus ossos há muito enterrados no barro de Londres, estão agora transmigradas. Desprovidas de peso, elas deslizam pelas correntes de vento lá no alto. Não se apiedam de ninguém. Não dão satisfações a ninguém. Sua vida é simples. Quando baixam o olhar, nada veem além de sua presa e das plumas emprestadas dos caçadores: veem um universo em fuga, acuado, um universo que é seu jantar.

Todo o verão foi assim, uma profusão de desmembramentos,

penas e peles voando no ar; o atirar e recolher dos cães, a atenção aos cavalos cansados, os cavalheiros tratando das contusões, torções e bolhas. E, ao menos por alguns dias, o sol brilhou sobre Henrique. Pouco antes do meio-dia as nuvens chegaram velozes do oeste e a chuva caiu em grandes gotas perfumadas; mas o sol ressurgiu abrasador, e agora o céu está tão claro que é possível ver o paraíso e espiar o que os santos estão fazendo.

Enquanto eles desmontam, entregando seus corcéis aos cavaleiros e auxiliando o rei, a mente dele já se volta para a papelada: os despachos enviados de Whitehall, trazidos a galope pelas rotas postais, estabelecidas onde quer que a corte se instale. No jantar com os Seymour, ele assentirá para quaisquer histórias que seus anfitriões desejem contar: para qualquer coisa que o rei resolva inventar, todo descabelado, contente e afável como parece estar hoje. E, quando o rei for para a cama, sua noite de trabalho começará.

Embora o dia esteja no fim, Henrique não parece disposto a voltar para dentro. Imóvel, ele olha à sua volta, aspirando o suor dos cavalos, uma ampla marca de sol em tom vermelho-tijolo na testa. Perdeu o chapéu no início do dia, de forma que, por costume, todos no grupo de caça foram obrigados a tirar os seus. Muitos lhe foram oferecidos em substituição, mas o rei recusou todos eles. Quando as sombras do crepúsculo se esgueirarem sobre os bosques e os campos, os criados sairão em busca do tremular da pluma negra contra a grama que escurece, ou do brilho de seu brasão de caçador, o santo Huberto de ouro com olhos de safira.

Já se sente o outono. Sabemos que não haverá muitos dias mais como esses; então vamos nos delongar um pouco, com os cavaleiros de Wolf Hall à nossa volta, Wiltshire e os condados do oeste se estendendo num borrão azul; vamos ficar mais um pouco, a mão do rei no ombro dele, enquanto Henrique relembra, com fervor estampado no rosto, o passeio pelas

paisagens do dia, os bosques verdes e os riachos a correr, os amieiros à beira d'água, a neblina matinal que se ergueu por volta das nove horas; o breve aguaceiro, a pequena ventania que amainou e sossegou; a quietude, o calor da tarde.

“Senhor, como pode não estar queimado?”, Rafe Sadler pergunta. Ruivo como o rei, ele agora está de um cor-de-rosa sarapintado, manchado, e até seus olhos parecem inflamados. Ele, Thomas Cromwell, dá de ombros; pousa um braço nas costas de Rafe e os dois caminham sem pressa para dentro de casa. Ele atravessou toda a Itália — tanto o campo de batalha quanto a arena obscura da casa contábil — sem perder a palidez londrina. Sua juventude de rufião, os dias no rio, os dias nos campos: deixaram-no branco como Deus o fez. “Cromwell tem a pele de um lírio”, o rei proclama. “É só nisso que ele se parece com esta ou com qualquer outra flor.” E, com essa provocação, os homens se dirigem a passo lento para o jantar.

O rei partiu de Whitehall pouco depois que Thomas More morreu, numa semana desgraçadamente chuvosa de julho; e os cascos dos cavalos deixavam marcas profundas na lama enquanto a comitiva avançava num penoso zigue-zague em direção a Windsor. Desde então, o séquito atravessou uma miríade de condados do oeste; os assessores de Cromwell, depois de concluir os assuntos do rei na frente londrina, se reuniram à comitiva real em meados de agosto. O rei e seus acompanhantes dormem placidamente em casas novas de tijolos vermelhos, ou em casas antigas cujas fortificações desmoronaram ou foram derrubadas, em castelos de fantasia semelhantes a brinquedos, castelos impossíveis de se fortificar, com paredes que uma bala de canhão perfuraria facilmente como papel. A Inglaterra desfruta de paz há cinquenta anos. Esse é o compromisso dos Tudor; paz é o que eles oferecem. Cada família se esforça para apresentar seu melhor ao rei, e nas últimas semanas vimos alguns rebocos aplicados pela força do pânico, algumas pedras

cinzeladas às pressas: são os anfitriões correndo para pôr a rosa de Tudor junto a seus próprios brasões. Procuram, para então obliterar, todo e qualquer vestígio de Catarina, a rainha que já não é, destruindo a marteladas as romãs de Aragão, seus gomos rompidos, suas sementes arrebetadas e voando pelos ares. Em seu lugar — se não há tempo para entalhar novos relevos —, o falcão de Ana Bolena é grosseiramente pintado sobre os escudos de armas.

Hans se juntou a eles durante a viagem e fez um desenho de Ana, a rainha, mas não a agradou; como agradá-la hoje em dia? Ele desenhou Rafe Sadler, com a barba curta e bem cuidada e a boca constricta, seu elegante chapéu como um disco cheio de plumas equilibrado precariamente no cabelo tosado. “Fez meu nariz muito achatado, mestre Holbein”, diz Rafe, e Hans responde: “E como teria eu, mestre Sadler, o poder de consertar seu nariz?”.

“Ele quebrou o nariz quando era criança”, ele diz, “cavalgando. Eu mesmo o tirei de sob o cavalo, o pobrezinho do menino, chorando e chamando pela mãe.” Ele aperta o ombro do rapaz. “Vamos, Rafe, anime-se. Acho que você ficou muito bonito. Lembre-se do que Hans fez comigo.”

Thomas Cromwell está agora com cerca de cinquenta anos. Tem o corpo de um trabalhador, atarracado, prático, tendendo para a gordura. Seu cabelo outrora preto está ficando grisalho, e, por causa de sua impermeável pele branca, que parece concebida para resistir tanto à chuva quanto ao sol, as pessoas zombam dele, dizendo que seu pai era irlandês, embora na verdade fosse um cervejeiro e ferreiro de Putney, além de tosquiador, um homem que se metia a fazer todo tipo de coisa, briguento e arruaceiro, bêbado e brutamontes, um homem muitas vezes levado à justiça por bater em alguém, por enganar alguém. Como o filho de um homem desse tipo alcançou sua atual proeminência é uma pergunta que toda a Europa se faz. Alguns dizem que ele se elevou com a ajuda dos Bolena, a família da

rainha. Alguns dizem que foi obra exclusiva do falecido cardeal Wolsey, seu patrono; Cromwell era seu homem de confiança, ganhava dinheiro para ele e conhecia seus segredos. Outros dizem que ele frequenta a companhia de feiticeiros. Passou a juventude fora do reino, como soldado mercenário, comerciante de lã, banqueiro. Ninguém sabe por onde andou e quem conheceu, e ele tampouco tem pressa em contar. Ele jamais se poupa no serviço ao rei, conhece seu valor e seus méritos e faz questão de receber sua recompensa: cargos, privilégios e títulos, mansões e herdades. Sempre encontra um jeito de conseguir o que deseja, sempre tem um método; pode encantar ou subornar um homem, convencê-lo ou ameaçá-lo, pode explicar a esse homem quais são seus verdadeiros interesses, ou lhe desvendar aspectos de si mesmo que ele nem sabia que existiam. Todos os dias o secretário-mor lida com fidalgos que, se pudessem, o destruiriam num único e vingativo volteio de mão, como se ele fosse uma mosca. Sabendo disso, ele se distingue por sua cortesia, sua calma e sua incansável atenção aos interesses da Inglaterra. Não tem o hábito de se explicar. Não tem o hábito de discutir seus sucessos. Mas, sempre que a boa sorte o buscou, ele estava lá, plantado à porta, pronto para escancará-la à mais tímida batida que dela ouvisse.

Em sua casa na cidade, em Austin Friars, seu retrato medita circunspecto na parede; ele aparece envolto em lãs e peles, a mão cerrada em torno de um documento como se fosse estrangulá-lo. Hans empurrou uma mesa em sua direção, para aprisioná-lo, e disse, Thomas, você não pode rir; e assim eles prosseguiram, Hans cantarolando baixinho enquanto pintava e ele com o olhar feroz pregado na meia distância. Quando viu o retrato pronto, ele disse, “Jesus, eu pareço um assassino”, e seu filho Gregory comentou, não sabia disso? Há cópias sendo preparadas para seus amigos e para os admiradores que ele tem entre os evangélicos da Germânia. Ele não abrirá mão do original — não agora que me acostumei, diz —, e assim, ao entrar no

salão de casa, encontra diversas versões de si mesmo em variados estágios de transformação: um contorno preliminar, parcialmente pintado. Por onde começar com Cromwell? Alguns partem de seus olhinhos afiados, alguns começam por seu chapéu. Alguns evitam a questão e começam por seu selo e sua tesoura, outros destacam o anel de turquesa dado pelo cardeal. Por onde quer que comecem, o impacto final é o mesmo: se vocês dois tiverem alguma questão não resolvida, você não vai querer encontrá-lo numa noite sem luar. Seu pai, Walter, costumava dizer: “Meu filho Thomas, olhe-o de cara feia que ele arranca seu olho. Passe a perna nele, e dê adeus à sua perna. Mas, se você não se meter no seu caminho, é um grande cavalheiro. E sabe pagar uma bebida aos amigos”.

Hans desenhou o rei, benevolente em sedas de verão, sentado depois do jantar com seus anfitriões, os caixilhos abertos para o canto dos pássaros vespertinos, as primeiras velas chegando com as frutas cristalizadas. Em cada parada de sua viagem, Henrique se acomoda na principal mansão do lugar com a rainha Ana; seu séquito se hospeda com a fidalguia local. É comum que, ao menos uma vez durante a visita, os anfitriões do rei acolham esses acompanhantes periféricos como forma de agradecimento, o que põe certa pressão sobre os arranjos domésticos. Ele já contou as carroças de provisões que chegavam; viu cozinhas lançadas em tumulto, e desceu pessoalmente a elas naquela hora verde-gris antes do amanhecer, quando os fornos de barro são limpos para o primeiro lote de pães, quando as carcaças são postas em espetos, as caldeiras são instaladas nas grelhas, as aves são depenadas e desossadas. Seu tio foi cozinheiro de um arcebispo, e quando criança ele perambulava pelas cozinhas do palácio de Lambeth; conhece o ofício até do avesso, e nada que diz respeito ao conforto do rei pode ser deixado ao acaso.

São dias perfeitos. A luz clara e límpida molda cada frutinha nos arbustos. Cada folha de uma árvore, com o sol ao fundo, pende como uma pera dourada. Quando cavalgávamos rumo a

oeste no alto verão, mergulhamos em bucólicas caçadas, alcançando os cumes das colinas e emergindo naquela região de terras altas onde, mesmo a dois condados de distância, sentimos a presença cambiante do mar. Nessa parte da Inglaterra, nossos antepassados, os gigantes, deixaram suas construções de barro, seus túmulos e monólitos. Temos ainda, cada homem e cada mulher da Inglaterra, algumas gotas de sangue gigante em nossas veias. Naqueles tempos ancestrais, num país intocado por gado ou arado, eles caçavam javalis e alces. A floresta se prolongava à nossa frente por dias e dias. Às vezes, armas antigas são desenterradas: machados que, empunhados com as duas mãos, poderiam partir cavalo e cavaleiro ao meio num só golpe. Imagine os grandes braços e pernas desses mortos, agitando-se sob o solo. Sua natureza era a guerra, e a guerra sempre anseia por regressar. Cavalgando por esses campos, não pensamos apenas no passado, mas também no que está encerrado na terra, no que é gestado; nos dias que virão, nas guerras por travar, nas feridas e mortes que, como sementes, o solo da Inglaterra conserva em seu calor. Quem visse Henrique rindo, quem visse Henrique orando, quem o visse conduzindo seus homens pela trilha da floresta poderia pensar que ele ocupa o trono com a mesma segurança com que monta o cavalo. As aparências enganam. À noite, insone, ele fica deitado fitando as vigas esculpidas do teto; ele conta seus próprios dias. Henrique diz, “Cromwell, Cromwell, o que farei?”. Cromwell, salve-me do imperador. Cromwell, salve-me do papa. Em seguida, ele convoca seu arcebispo da Cantuária, Thomas Cranmer, e exige saber, “Minha alma está condenada?”.

Em Londres, o embaixador do imperador, Eustache Chapuys, espera dia após dia pela notícia de que o povo da Inglaterra se rebelou contra seu rei cruel e herético. É uma notícia que ele deseja ardentemente ouvir, e gastaria horas de trabalho e bolsas de dinheiro para torná-la realidade. Seu amo, o imperador Carlos, é o senhor dos Países Baixos, bem como da Espanha e

das terras espanholas além-mar; Carlos é rico e se enfurece, de tempos em tempos, porque Henrique Tudor ousou destronar sua tia, Catarina, para se casar com uma mulher a quem as pessoas nas ruas chamam de meretriz de olhos esbugalhados. Em despachos urgentes, Chapuys exorta seu senhor a invadir a Inglaterra, a se unir aos rebeldes do reino, aos pretendentes ao trono e aos descontentes, e a dominar essa ilha infiel cujo rei decretou o próprio divórcio e se declarou Deus por um ato do Parlamento. O papa não aceita de bom grado o fato de que é uma piada na Inglaterra, de que é chamado meramente de “bispo de Roma”, ou de que seus rendimentos sejam cortados e canalizados para os cofres do monarca. A bula de excomunhão, elaborada mas ainda não promulgada, paira sobre Henrique, fazendo dele um pária entre os reis cristãos da Europa: que são convidados, ou melhor, encorajados a atravessar o mar Estreito ou a fronteira dos escoceses e servir-se de tudo que pertence a ele. Talvez o imperador venha. Talvez o rei da França venha. Talvez venham juntos. Bem que gostaríamos de dizer que estamos prontos para eles, mas a realidade é outra. No caso de uma incursão armada, talvez tenhamos que desenterrar os ossos dos gigantes para acertar os invasores na cabeça, uma vez que o equipamento é escasso, a pólvora é escassa, o aço é escasso. Isso não é culpa de Thomas Cromwell; como Chapuys diz, com uma careta, o reino de Henrique estaria em melhores condições se o tivessem deixado ao encargo de Cromwell há cinco anos.

Para defender a Inglaterra, e ele a defenderá — sim, porque ele próprio iria para o campo de batalha, espada em punho —, é preciso saber o que a Inglaterra é. No calor de agosto, ele se deteve, com a cabeça descoberta, diante dos túmulos esculpidos de ancestrais, homens encouraçados dos pés à cabeça em armaduras de placas e cotas, as mãos cobertas por manoplas, unidas e rigidamente apoiadas no peito, os pés revestidos de malha de metal, repousando sobre leões, grifos e galgos de pedra: homens de pedra, homens de aço, suas delicadas esposas

sepultadas a seu lado como caracóis dentro das cascas. Acreditamos que o tempo não pode tocar os mortos, mas toca seus monumentos, privando-os de narizes e dedos devido aos acidentes e ao atrito dos anos. Um minúsculo pé desmembrado (como o de um querubim ajoelhado) emerge de uma dobra de tecido; a ponta decepada de um polegar repousa sobre uma almofada esculpida. “Precisamos restaurar nossos antepassados no próximo ano”, dizem os lordes dos condados ocidentais: mas seus brasões e suportes, suas conquistas e seus feitos estão sempre em tinta fresca, e ao falarem eles embelezam os atos de seus antepassados, quem foram e o que empunharam: as armas que meu ancestral brandiu em Agincourt, a taça que meu ancestral recebeu diretamente da mão de John de Gaunt. Se nas recentes guerras entre York e Lancaster seus pais e avôs ficaram do lado errado, eles guardam silêncio a respeito. Na geração seguinte, esses deslizes devem ser perdoados, e as reputações, reparadas; caso contrário, a Inglaterra não pode seguir em frente — continuará retrocedendo em espiral rumo às profundezas de seu passado sujo.

Ele não tem nenhum antepassado, claro: não do tipo de que alguém se gabaria. Outrora houve uma família nobre de sobrenome Cromwell, e, quando ele foi admitido no serviço do rei, os arautos o encorajaram a adotar aquele antigo brasão para salvar as aparências; mas eu não sou um deles, respondeu ele com polidez, não quero seus feitos. Fugiu à violência do pai quando não tinha mais que quinze anos; cruzou o canal, serviu no exército do rei francês. Esteve lutando desde que aprendeu a andar; e, se você vai lutar de qualquer forma, por que não ser pago para fazer isso? Há ofícios mais lucrativos que o de soldado, e ele os descobriu. Assim, decidiu não voltar correndo para casa.

E agora, quando seus nobres anfitriões querem conselhos sobre a instalação de uma fonte ou de uma escultura das Três Graças dançando, o rei lhes diz, o Cromwell aqui é o homem certo para isso; Cromwell viu como as coisas são feitas na Itália,

e o que serve para os italianos servirá para Wiltshire. Às vezes o rei parte de um lugar apenas com sua comitiva montada, e a rainha fica para trás com suas damas e seus músicos, enquanto Henrique e seu pequeno círculo de favoritos caçam até a exaustão, por todo o país. E é assim que eles chegam a Wolf Hall, onde o velho Sir John Seymour está esperando para recebê-los, cercado por sua próspera família.

“Não sei, Cromwell”, diz o velho Sir John. Toma-lhe o braço, afável. “Todos esses falcões com nomes de mulheres mortas... eles não o deixam abatido?”

“Jamais fico abatido, Sir John. O mundo é muito bom para mim.”

“Você deveria se casar de novo, formar outra família. Talvez encontre uma noiva enquanto está aqui conosco. Na floresta Savernake há muitas jovens viçosas.”

Ainda tenho Gregory, diz ele, olhando para trás em direção ao filho; de um modo ou de outro, ele está sempre preocupado com Gregory. “Ah”, diz Seymour, “rapazes são ótimos, mas um homem precisa de filhas também, as filhas são um consolo. Veja Jane. É uma boa menina.”

Ele olha para Jane Seymour, como o pai dela insiste. Ele a conhece bem, da corte, uma vez que ela foi dama de companhia de Catarina, a antiga rainha, e de Ana, a rainha atual; é uma jovem simples, com uma palidez argêntea, um hábito de se manter em silêncio e um jeito próprio de olhar para os homens como se eles representassem uma surpresa desagradável. Ela está usando pérolas e brocado branco, bordado com pequenos ramos de cravos. Ele identifica em sua aparência gastos consideráveis; não seria possível apresentá-la desse jeito por menos de trinta libras, e isso sem contar as pérolas. Não surpreende que ela se mova com tanta cautela, como uma criança a quem alertaram para não derramar nada em si mesma.

O rei diz: “Jane, agora que a encontramos em casa entre sua

gente, sente-se menos tímida?”. Ele toma a mãozinha de rato da moça em sua imensa mão. “Na corte nunca conseguimos ouvir uma só palavra dela.”

Jane tem os olhos erguidos para o rei, e cora do pescoço à raiz dos cabelos. “Alguém já viu tamanho rubor?”, pergunta Henrique. “Nunca, a não ser numa pequena donzela de doze anos.”

“Já não posso dizer que tenho doze anos”, responde Jane.

No jantar, o rei senta-se ao lado de Lady Margery, sua anfitriã. Ela foi uma beldade em seu tempo, e, dada a atenção extraordinária que o rei lhe dedica, seria de pensar que ainda é; teve dez filhos, dos quais seis estão vivos, e três nesta sala. Edward Seymour, o herdeiro, tem a cabeça comprida, uma expressão séria, um perfil definido e resoluto: um belo homem. Rapaz de vasta leitura, embora não erudito, se dedica sagazmente a qualquer cargo que lhe é dado; esteve na guerra, e agora, enquanto espera para voltar a lutar, se sai bem no campo de caça e na liça. O cardeal, quando vivo, o considerava superior aos Seymours mais típicos; e ele mesmo, Thomas Cromwell, o sondou e o considerou fiel ao rei em todos os aspectos. Tom Seymour, irmão mais novo de Edward, é barulhento, impetuoso e mais interessante aos olhos das mulheres; quando ele entra na sala, as virgens dão risadinhas e as jovens esposas baixam a cabeça e o examinam de soslaio.

O velho Sir John é um homem de notório apego familiar. Há dois ou três anos, os mexericos da corte só giravam em torno de como ele havia se deitado com a esposa do próprio filho, e não uma só vez, no calor da paixão, mas repetidamente, desde o noivado. A rainha e suas confidentes espalharam a história pela corte. “Fizemos uma estimativa de cento e vinte vezes”, zombou Ana. “Bem, Thomas Cromwell foi quem fez o cálculo, e ele é bom com números. Estamos supondo que os dois se abstinham aos domingos, em nome do decoro, e reduzem a frequência durante a Quaresma.” A esposa traidora deu à luz dois meninos,

e, quando sua conduta se tornou conhecida, Edward disse que não os aceitaria como seus herdeiros, pois não podia saber se eram seus filhos ou meios-irmãos. A adúltera foi trancada num convento e logo fez ao marido o favor de morrer; agora ele tem uma nova esposa, que cultiva uma postura proibitiva e mantém um punhal no bolso, caso o sogro chegue perto demais.

Mas o caso está perdoado, está perdoado. A carne é fraca. Essa visita real sela o perdão ao velho. John Seymour tem mil e trezentos acres, incluindo seu bosque de cervos, e a maior parte do território é pasto para ovelhas e vale dois xelins por acre ao ano, rendendo-lhe vinte e cinco por cento do valor que a mesma área renderia se fosse arada. As ovelhas dele são pequenos animais de cara preta cruzados com carneiros monteses de Gales; têm carne cartilaginosa, mas lã bastante boa. Na chegada da comitiva, o rei (ele está com ares bucólicos) pergunta: “Cromwell, quanto deve pesar esse animal?”. Ao que ele responde, sem erguer a ovelha: “Trinta libras, senhor”. Francis Weston, um jovem cortesão, diz, com um sorriso irônico: “Mestre Cromwell foi tosquiador. Ele não erraria”.

O rei diz: “Seríamos um país pobre sem nosso comércio de lã. Não é um descrédito que mestre Cromwell conheça o ofício”.

Mas Francis Weston encobre um sorriso debochado com a mão.

Amanhã, Jane Seymour caçará com o rei. “Pensei que seriam apenas cavalheiros”, ele ouve Weston sussurrando. “A rainha ficaria irritada se soubesse.” Ele murmura, então cuide para que ela não saiba, seja um bom garoto.

“Em Wolf Hall, todos somos grandes caçadores”, gaba-se Sir John. “Minhas filhas também; dizem que Jane é tímida, mas ponham-na sobre a sela e eu lhes garanto, senhores, que ela é a própria deusa Diana. Nunca enfiei minhas meninas em salas de aula, sabem? Sir James aqui lhes ensinou tudo que elas precisavam saber.”

O padre à cabeceira da mesa concorda, com um largo sorriso:

um velho tolo de cabeça branca, um dos olhos embaciado. Ele, Cromwell, dirige-se ao padre: “Então o senhor lhes ensinou a dança, Sir James? Louvado seja. Eu vi a irmã de Jane, Elizabeth, na corte, fazendo par com o rei”.

“Ah, elas tiveram um mestre para isso.” O velho Seymour ri. “Mestre de dança, mestre de música, é o suficiente para elas. Não precisam de línguas estrangeiras. Não vão a lugar algum.”

“Penso diferente, senhor”, diz ele. “Dei às minhas filhas educação igual à do meu filho.”

Às vezes ele gosta de falar sobre elas, Anne e Grace: falecidas há sete anos. Tom Seymour ri. “Então mandava as meninas para a justa com Gregory e o jovem mestre Sadler?”

Ele sorri. “Menos isso.”

Edward Seymour comenta: “Não é incomum que as filhas de uma família da cidade aprendam letras e algo mais. Talvez se mostrem úteis na contabilidade. Já ouvi comentários a respeito. Isso as ajudaria a conseguir bons maridos: uma família de comerciantes ficaria feliz em encontrar moças com tal formação”.

“Pensem nas filhas de mestre Cromwell”, diz Weston. “Não ousou. Duvido que uma casa contábil pudesse segurá-las. Teriam sido rápidas com um machado de guerra, imagino. Só de olhá-las os homens ficariam com as pernas bambas. E não me refiro ao arrebatamento do amor.”

Gregory se agita. É tão distraído que dificilmente alguém pensaria que estivesse acompanhando a conversa, mas sua voz trepida de mágoa: “Está insultando a memória das minhas irmãs, senhor, e nem chegou a conhecê-las. Minha irmã Grace...”.

Ele vê Jane Seymour estendendo a mãozinha e tocando o punho de Gregory: para salvá-lo, ela se arrisca a chamar a atenção do grupo. “Nos últimos tempos”, diz ela, “tenho adquirido alguma habilidade com a língua francesa.”

“Tem mesmo, Jane?” Tom Seymour está sorrindo.

Jane baixa a cabeça. “Mary Shelton está me ensinando.”

“Mary Shelton é uma jovem bondosa”, diz o rei; e, com o canto do olho, ele vê Weston cutucando seu vizinho de mesa com o cotovelo; dizem que Shelton tem sido bondosa com o rei na cama.

“Estão vendo?”, diz Jane a seus irmãos. “Nós damas não gastamos todo o nosso tempo em calúnias e escândalos inúteis. Embora Deus saiba que temos mexericos o bastante para entreter toda uma cidade de mulheres.”

“Têm mesmo?”, ele indaga.

“Conversamos sobre quem está apaixonado pela rainha. Quem escreve versos para ela.” Jane baixa os olhos. “Quero dizer, quem está apaixonado por cada uma de nós. Este ou aquele cavalheiro. Conhecemos todos os nossos pretendentes e os avaliamos da cabeça aos pés; eles corariam se soubessem o que falamos. Contamos quantos acres têm suas terras e quantas libras ganham num ano, e assim decidimos se vamos permitir que eles nos escrevam um soneto. Se não achamos que eles nos manterão em grande estilo, zombamos das suas rimas. É cruel, posso lhes dizer.”

Ele comenta, um pouco desconfortável, não há mal algum em escrever versos para damas, mesmo casadas, na corte isso é costume. Weston diz, obrigado por essas palavras amáveis, mestre Cromwell, pensamos que talvez tentasse nos obrigar a parar.

Tom Seymour se inclina à frente, rindo. “E quem são seus pretendentes, Jane?”

“Se quer descobrir isso, tem que pôr um vestido, pegar as agulhas e se juntar a nós.”

“Como Aquiles entre as mulheres”, diz o rei. “Você terá que raspar sua bela barba, Seymour, para descobrir os segredinhos lascivos delas.” Ele ri, mas não está feliz. “A menos que encontremos alguém mais donzelesco para a tarefa. Gregory, você é um rapaz bonito, mas temo que suas mãos grandes o entregariam.”

“O neto do ferreiro”, diz Weston.

“Aquele garoto, Mark”, prossegue o rei. “O músico, vocês o conhecem? Ali temos um semblante delicado de moça.”

“Oh”, exclama Jane. “Mark já faz parte do nosso círculo, de qualquer forma. Está sempre rondando por aqui. Mal o consideramos um homem. Se quiserem saber nossos segredos, perguntem a ele.”

A conversa se desvia para outra direção; ele pensa, nunca soube que Jane tinha algo a dizer por si mesma; e pensa, Weston está me provocando, sabe que na presença de Henrique não vou dar o troco; e ele imagina qual a forma que esse troco poderia assumir, quando for entregue. Rafe Sadler o examina de rabo de olho.

“Então”, o rei se dirige a ele, “como amanhã será melhor que hoje?” Aos convivas do jantar, o rei explica: “Mestre Cromwell não consegue dormir a menos que esteja melhorando algo”.

“Reformarei a conduta do chapéu de vossa majestade. E aquelas nuvens, antes do meio-dia...”

“Precisávamos da chuva. A água nos refrescou.”

“Que Deus não envie a vossa majestade uma enxurrada pior”, comenta Edward Seymour.

Henrique esfrega a faixa de pele queimada pelo sol. “O cardeal... ele achava que podia mudar o clima. Olhem que manhã bonita, ele dizia; mas o tempo vai melhorar ainda mais, lá pelas dez. E melhorava mesmo.”

Henrique às vezes faz isso; lança o nome de Wolsey na conversa, como se não tivesse sido ele, mas outro monarca, quem perseguiu o cardeal até a morte.

“Alguns homens têm olho bom para o tempo”, diz Tom Seymour. “Não é nada além disso, senhor. Não é exclusividade dos cardeais.”

Henrique assente, sorrindo. “É verdade, Tom. Eu nunca deveria ter me impressionado com ele, não?”

“Ele era orgulhoso demais, para um súdito”, diz o velho Sir

John.

O rei desliza os olhos pela mesa até ele, Thomas Cromwell. Ele amava o cardeal. Todos aqui sabem disso. Sua expressão é tão cuidadosamente vazia quanto uma parede recém-pintada.

Depois do jantar, o velho Sir John conta a história de Edgar, o Pacífico. Ele governou essas bandas há muitas centenas de anos, antes de os reis ostentarem números: quando todas as donzelas eram lindas e todos os cavaleiros eram galantes, e a vida era simples, violenta e geralmente breve. Edgar, pretendendo desposar certa moça, enviou um de seus condes para avaliá-la. O conde, que era ao mesmo tempo falso e astuto, enviou de volta a mensagem de que a beleza dela tinha sido muito exagerada por poetas e pintores; na vida real, disse ele, era manca e vesga. Seu objetivo era tomar a delicada dama para si, e assim ele a seduziu e se casou com ela. Ao descobrir a traição do conde, Edgar o tocou num bosque não muito longe dali e o acertou com uma lança, atravessando-o e matando-o de um só golpe.

“Que patife mais falso, esse conde!”, diz o rei. “Teve o que mereceu.”

“Mais correto chamá-lo de canalha que de conde”, Tom Seymour comenta.

Seu irmão suspira, como se para se distanciar do comentário.

“E o que a dama disse?”, ele pergunta; ele, Cromwell. “Quando encontrou o conde espetado?”

“A moça se casou com Edgar”, responde Sir John. “Casaram-se no bosque e viveram felizes para sempre.”

“Imagino que ela não tenha tido escolha”, diz Lady Margery, com um suspiro. “As mulheres têm que se adaptar.”

“E a gente do campo diz”, Sir John acrescenta, “que o desleal conde ainda assombra a floresta, gemendo e tentando tirar a lança da barriga.”

“Imaginem só”, diz Jane Seymour. “Numa noite de luar, você olha pela janela e lá está ele, puxando a lança e resmungando.

Felizmente não acredito em fantasmas.”

“O que a torna ainda mais tola, irmã”, Tom Seymour replica. “Vão fazer questão de assustá-la, minha querida.”

“Mesmo assim”, diz Henrique. Ele imita um arremesso: embora de forma contida, pois está à mesa de jantar. “Um só golpe certo. Devia ter um bom braço para a lança, o rei Edgar.”

Ele diz — ele, Cromwell: “Eu gostaria de saber se essa história chegou a ser escrita e, nesse caso, por quem, e se o escritor estava sob juramento”.

O rei diz: “Cromwell arrastaria o conde perante júri e juiz”.

“Perdão, majestade”, Sir John ri, “mas não creio que eles tivessem esse tipo de recurso naquela época.”

“Cromwell teria encontrado algum.” O jovem Weston se inclina à frente para enfatizar o que diz. “Desencavaria um júri, faria com que brotasse num canteiro de cogumelos. E então seria o fim do conde: eles o julgariam, depois o desfilariam e lhe cortariam a cabeça. Dizem que, no julgamento de Thomas More, o secretário-mor aqui seguiu o júri para o local das deliberações, e, quando se sentaram, ele fechou a porta às suas costas e botou as cartas na mesa. ‘Permitam-me esclarecer suas dúvidas’, disse ele aos jurados. ‘O papel dos senhores é declarar Sir Thomas culpado, e não irão jantar até que tenham cumprido isso.’ Depois saiu e fechou a porta novamente, plantando-se do lado de fora com um machado na mão, caso eles escapassem em busca de um cozido; e, sendo londrinos, preocupam-se com o estômago acima de todas as coisas, e, assim que sentiram a barriga roncando, gritaram: ‘Culpado! Mais culpado impossível!’.”

Os olhares se concentram nele, Cromwell. Rafe Sadler, a seu lado, está teso de desagrado. “É uma bela história”, diz Rafe a Weston, “mas eu é que lhe pergunto dessa vez, onde está escrita? Creio que você descobrirá que meu amo é sempre correto quando lida com uma corte de justiça.”

“Você não estava lá”, diz Francis Weston. “Eu soube da boca

de um dos próprios jurados. Eles gritaram: ‘Fora com ele, levem o traidor e nos tragam uma perna de carneiro’. E Thomas More foi conduzido à morte.”

“Você fala como se lamentasse”, diz Rafe.

“Eu não.” Weston ergue as mãos. “A rainha Ana diz: que a morte de More seja um aviso a todos os traidores da sua laia. Por mais alta que seja sua posição, por mais velada que seja sua perfídia, Thomas Cromwell os encontrará.”

Há um murmúrio de assentimento; por um instante ele acha que a mesa se voltará para ele e o aplaudirá. Então Lady Margery toca um dedo nos lábios e meneia a cabeça na direção do rei, que, sentado à cabeceira da mesa, começou a se inclinar para a direita; suas pálpebras fechadas vibram de leve e sua respiração é tranquila e profunda.

Os convivas trocam sorrisos. “Embriagado de ar fresco”, murmura Tom Seymour.

É uma grata alternativa à embriaguez por bebida; ultimamente o rei tem pedido o jarro de vinho com mais frequência do que o fazia em sua juventude esbelta e desportiva. Ele, Cromwell, observa como Henrique se inclina na cadeira. Primeiro para a frente, como se fosse descansar a testa na mesa. Depois desperta com um solavanco e se lança para trás, empertigando-se. Um filete de saliva escorre por sua barba.

Essa seria uma tarefa para Harry Norris, o chefe dos cavalheiros da câmara privada; com seu passo silencioso e sua mão suave e desprovida de julgamento, Harry murmuraria ao ouvido do rei, trazendo-o de volta ao mundo da vigília. Mas Norris foi para o outro lado do país, levando a carta de amor do rei a Ana. Então, o que fazer? Henrique não parece uma criança cansada, como teria sido há cinco anos. Parece um homem de meia-idade qualquer, mergulhado em torpor depois de uma refeição muito pesada; parece gordo e inchado, e uma veia salta aqui e ali, e até à luz de velas é possível ver que seu cabelo ralo está ficando grisalho. Ele, Cromwell, acena para o jovem

Weston. “Francis, seu toque cavalheiresco se faz necessário.”

Weston finge não ouvir. Seus olhos estão pousados no rei, e seu rosto exhibe uma incauta expressão de desgosto. Tom Seymour sussurra: “Acho que deveríamos fazer barulho. Para acordá-lo naturalmente”.

“Que tipo de barulho?”, indaga seu irmão Edward, tão baixo que quase só mexe a boca.

Tom simula um riso silencioso com a mão na barriga.

As sobrancelhas de Edward se erguem. “Ria, se tem coragem. Ele pensará que você está rindo da sua baba.”

O rei começa a roncar. Vai caindo para a esquerda, inclinando-se perigosamente sobre o braço da cadeira.

Weston diz: “Faça isso, Cromwell. Nenhum homem tem mais prestígio com ele”.

Ele balança a cabeça em negativa, sorrindo.

“Deus salve sua majestade”, diz Sir John, piamente. “Ele já não é tão jovem.”

Jane se ergue. Um roçar rígido dos ramos de cravo. Inclina-se sobre a cadeira do rei e lhe toca as costas da mão: rapidamente, como se testasse a consistência de um queijo. Henrique tem um sobressalto, e seus olhos se arregalam. “Eu não estava dormindo”, diz ele. “Verdade. Só estava descansando os olhos.”

Quando o rei parte para a cama, Edward Seymour diz: “Secretário-mor, hora da minha vingança”.

Recostado, taça na mão: “O que eu lhe fiz?”.

“Uma partida de xadrez. Calais. Sei que se lembra.”

Fim do outono, ano 1532: a noite em que o rei foi para a cama com a atual rainha pela primeira vez. Antes de se deitar com Henrique, Ana o obrigou a jurar sobre a Bíblia que ele a desposaria assim que pisassem novamente em solo inglês; mas as tempestades os aprisionaram no porto, e o rei fez bom uso do tempo, tentando gerar nela um filho.

“Você me deu um xeque-mate, mestre Cromwell”, diz Edward. “Mas só porque me distraiu.”

“De que maneira eu o distraí?”

“Você me perguntou sobre minha irmã Jane. Sua idade, e assim por diante.”

“E pensou que eu estivesse interessado nela.”

“E está?” Edward sorri, para abrandar a pergunta crua. “Ela ainda não recebeu proposta, sabe.”

“Arrume as peças”, diz ele. “Gostaria de seguir com o tabuleiro como estava quando perdeu sua linha de raciocínio?”

Edward o encara, cuidadosamente inexpressivo. Fala-se na excelente memória de Cromwell. Ele sorri para si mesmo. Poderia mesmo arrumar o tabuleiro, fazendo apenas algumas poucas suposições; ele conhece o tipo de jogo de um homem como Seymour. “É melhor começarmos uma nova partida”, ele sugere. “Vida que segue. Gosta das regras italianas? Não aprecio partidas que se arrastam por uma semana.”

As primeiras jogadas revelam alguma ousadia por parte de Edward. Mas então, com um peão branco suspenso entre as pontas dos dedos, Seymour se recosta no espaldar da cadeira, franzindo a testa, e resolve falar sobre Santo Agostinho; e de Santo Agostinho ele avança para Martinho Lutero. “É um ensinamento que traz terror ao coração”, diz ele. “De que Deus nos criaria apenas para nos condenar. Que suas pobres criaturas, exceto algumas poucas, nascem apenas para sofrer neste mundo e, em seguida, no fogo eterno. Às vezes temo que seja verdade. Mas tenho esperança de que não seja.”

“O gordo Martinho mudou seu posicionamento. Foi o que ouvi dizer. E para uma teoria mais reconfortante.”

“Ah é, de que mais de nós são salvos? Ou que nossas boas ações não são inteiramente inúteis aos olhos de Deus?”

“Não devo falar por ele. Leia Philip Melanchthon. Eu lhe enviarei seu novo livro. Espero que ele nos visite na Inglaterra. Estamos negociando com seus homens.”

Edward pressiona a cabecinha redonda do peão contra os lábios. Parece prestes a mordiscar a peça. “O rei permitiria

isso?”

“Ele não permitiria que o Irmão Martinho em pessoa entrasse. Não gosta nem que mencionem seu nome. Mas Philip é um homem mais fácil, e seria bom para nós, seria muito bom, se formássemos uma aliança útil com os príncipes germânicos que favorecem o Evangelho. Isso daria um susto no imperador, termos amigos e aliados nos próprios domínios dele.”

“E é apenas isso que significa para você?” O cavalo de Edward está saltitando pelas casas. “Diplomacia?”

“Eu estimo a diplomacia. É barata.”

“Mas dizem que também ama o Evangelho.”

“Não é nenhum segredo.” Ele franze a testa. “Realmente pretende fazer isso, Edward? Vejo meu caminho até sua rainha. Não gostaria de lhe tirar vantagem novamente, ou que diga que estraguei seu jogo com uma conversa fiada sobre a condição da sua alma.”

Um sorriso enviesado. “E como anda sua rainha ultimamente?”

“Ana? Está de cara virada para mim. Sinto minha cabeça vacilar sobre os ombros quando ela me encara. Ela ouviu dizer que uma ou duas vezes falei favoravelmente sobre Catarina, a antiga rainha.”

“E é verdade?”

“Só por admirar seu espírito. Que, qualquer um deve admitir, é firme na adversidade. E além de tudo a rainha pensa que sou favorável demais à princesa Maria; ou, melhor dizendo, Lady Maria, como devemos chamá-la agora. O rei ainda ama sua filha mais velha, ele diz que não pode evitar; e isso enfurece Ana, porque ela quer que a princesa Elizabeth seja a única filha reconhecida por ele. Ana pensa que somos demasiado brandos com Maria e que deveríamos pressioná-la a admitir que sua mãe nunca foi legalmente casada com o rei, e que, portanto, ela é uma bastarda.”

Edward gira o peão branco nos dedos, encarando a peça

dubiamente, e o deposita em sua casa. “Mas não é nesse pé que estão as coisas? Pensei que você já tivesse extraído essa admissão de Maria.”

“Nós resolvemos a questão ao não levantá-la. Ela sabe que foi excluída da sucessão, e acho que não devo pressioná-la além de certo ponto. Como o imperador é sobrinho de Catarina e primo de Lady Maria, tento não provocá-lo. Carlos nos tem na palma da mão, vê? Mas Ana não entende a necessidade de aplacar as pessoas. Ela acha que falar de forma branda com Henrique é o suficiente.”

“Ao passo que você precisa falar brandamente com a Europa.” Edward ri. Seu riso tem um som enferrujado. Seus olhos dizem, está sendo muito franco, mestre Cromwell: por quê?

“Além disso”, seus dedos pairam acima do cavalo negro, “eu me elevei demais para o gosto da rainha, pois o rei me nomeou seu representante em assuntos da Igreja. Ela odeia que Henrique dê ouvidos a qualquer pessoa que não ela, seu irmão George e o monsenhor seu pai, e até mesmo o pai sofre com sua língua afiada, sendo chamado de molenga e de inútil.”

“Como ele aceita isso?” Edward baixa os olhos para o tabuleiro. “Oh.”

“Agora olhe com atenção”, insiste ele. “Quer prosseguir?”

“Eu desisto. Acho.” Um suspiro. “Sim. Desisto.”

Ele, Cromwell, varre as peças para o lado, abafando um bocejo. “E eu nem mencionei sua irmã Jane, não é mesmo? Então qual é sua desculpa agora?”

Quando ele sobe as escadas, vê Rafe e Gregory pulando de um lado para o outro perto da janela principal. Estão saltando e brigando, os olhos fixos em algo invisível a seus pés. A princípio, pensa que estão jogando futebol sem bola. Mas depois eles saltam como bailarinos e arrastam a coisa invisível com os calcanhares, e ele percebe que é algo longo e magro, um homem

caído. Eles se dobram para repuxar e golpear o homem, para lhe aplicar uma torção. “Mais devagar”, diz Gregory, “não quebre o pescoço dele ainda, quero vê-lo sofrer.”

Rafe ergue os olhos e finge limpar a testa. Gregory descansa as mãos nos joelhos, recuperando o fôlego, e depois cutuca a vítima com o pé. “Este é Francis Weston. O senhor acha que ele está ajudando a pôr o rei para dormir, mas na verdade nós o temos aqui, em forma espectral. Nós o surpreendemos virando um corredor e o capturamos com uma rede mágica.”

“Estamos dando uma lição nele.” Rafe se inclina para baixo. “Ei, senhor, está arrependido agora?” Ele cospe nas palmas das mãos. “O que fazemos com ele, Gregory?”

“Vamos atirá-lo pela janela.”

“Cuidado”, diz ele. “Weston é protegido do rei.”

“Então será um protegido de cabeça amassada”, Rafe responde. Eles se agitam e empurram um ao outro, cada um tentando ser o primeiro a atirar o imaginário Francis. Rafe abre uma janela e ambos se agacham para fazer a alavancagem, içando o fantasma sobre o parapeito. Gregory cuida dos detalhes, soltando a casaca da vítima nos pontos onde o pano se enrosca, e a atira de cabeça nas pedras do calçamento. Eles olham para fora. “Ele se espatifou”, observa Rafe, e os dois batem a poeira das mãos, sorrindo para ele. “Desejo-lhe uma boa-noite, senhor”, diz Rafe.

Mais tarde, Gregory senta-se na beira da cama de camisão, o cabelo desgrenhado, os sapatos jogados de lado, um pé descalço afagando preguiçosamente o tapete. “Então eu vou me casar? O senhor vai me casar com Jane Seymour?”

“No início do verão você pensava que eu o casaria com uma viúva velha dona de um bosque de cervos.” As pessoas provocam Gregory: Rafe Sadler, Thomas Wriothsesley, os outros jovens de sua casa; seu primo, Richard Cromwell.

“Sim, mas por que ficou conversando com o irmão dela nessa

última hora? Primeiro foi o xadrez, depois conversa, conversa, conversa. Dizem que o senhor mesmo gostava de Jane.”

“Quando?”

“Ano passado. O senhor gostava dela no ano passado.”

“Se gostava, esqueci.”

“A esposa de George Bolena me contou. Lady Rochford. Ela disse, talvez você ganhe uma jovem madrasta de Wolf Hall, o que acharia disso? Então, se o senhor gosta de Jane”, Gregory fecha o cenho, “é melhor que ela não se case comigo.”

“Você acha que eu roubaria sua noiva? Como o velho Sir John?”

Assim que deita a cabeça no travesseiro, ele diz: “Basta, Gregory”. Ele fecha os olhos. Gregory é um bom rapaz, embora todo o latim que aprendeu, todas as sonoras frases dos grandes autores, tudo tenha entrado por um ouvido e saído por outro. Ainda assim, pensemos no filho de Thomas More: descendente de um erudito admirado em toda a Europa, e o pobre do jovem John mal consegue balbuciar seu Pater Noster até o fim. Gregory é bom arqueiro, bom cavaleiro, uma estrela que brilha na liça, e não se encontra uma falha em suas maneiras. Ele fala com reverência a seus superiores, sem arrastar os pés, sem se apoiar mais numa perna que na outra, e é tolerante e educado com os que estão abaixo dele. Sabe fazer reverência aos diplomatas estrangeiros à maneira de seus respectivos países, senta-se à mesa sem se remexer nem atirar comida aos cães, e pode desossar e limpar perfeitamente qualquer ave quando solicitado a servir os mais velhos. Não anda por aí com a casaca pendurada no ombro, nem se olha em vidraças para admirar a si mesmo, nem fica olhando distraído à sua volta na igreja, nem interrompe os velhos ou termina as histórias para eles. Se alguém espirra, ele diz: “Deus lhe dê saúde!”.

Deus dê saúde ao senhor ou à madame.

Gregory levanta a cabeça. “Thomas More”, diz ele. “O júri. Aquilo é o que realmente aconteceu?”

Ele reconheceu a história contada pelo jovem Weston: num sentido geral, embora não concordasse com os detalhes. Ele fecha os olhos. “Eu não tinha um machado.”

Ele está cansado: ele fala com Deus; ele diz: Deus me guie. Às vezes, quando está prestes a adormecer, a grande presença escarlate do cardeal cruza rapidamente seu olho interior. Ele gostaria que o morto fizesse profecias. Mas seu antigo patrono só fala de assuntos domésticos, questões de escritório. Onde enfiei aquela carta do duque de Norfolk?, ele pergunta ao cardeal; e no dia seguinte, cedo, ela vem à sua mão.

Ele também fala em seu íntimo: não com Wolsey, mas com a esposa de George Bolena. “Não tenho desejo algum de me casar. Não tenho tempo. Fui feliz com minha esposa, mas Liz está morta e aquela parte da minha vida morreu com ela. Em nome de Deus, quem lhe deu licença, Lady Rochford, para especular sobre minhas intenções? Madame, não tenho tempo para cortejar. Tenho cinquenta anos. Na minha idade, um homem sairia perdendo num contrato de longo prazo. Se eu quiser uma mulher, melhor alugar uma por hora.”

Contudo, ele tenta não dizer “na minha idade”: não em momentos de vigília. Em dias bons, ele acha que lhe restam mais vinte anos pela frente. Muitas vezes pensa que viverá mais que Henrique, por mais estritamente proibido que seja ter esse tipo de pensamento; existe uma lei contra especulações a respeito da duração da vida do rei, embora Henrique há muito venha se empenhando em estudar maneiras inventivas de morrer. Houve vários acidentes de caça. Quando ele ainda era menor de idade, o conselho o proibiu de competir nas justas, mas ele participava de qualquer maneira, o rosto escondido pelo elmo e a armadura sem brasão, uma vez após outra provando ser o homem mais forte em campo. Na batalha contra os franceses, ele se fez honrar, e sua natureza, como ele sempre menciona, é bélica; sem dúvida ele gostaria de ser conhecido como Henrique, o Valente, mas Thomas Cromwell diz que o rei não pode arcar com uma guerra.

E o custo financeiro não é a única consideração: o que será da Inglaterra se Henrique morrer? Ele passou vinte anos casado com Catarina, neste outono serão três com Ana, e nada tem para mostrar além de uma filha com cada rainha e todo um cemitério de bebês mortos, alguns malformados e batizados em sangue, outros nascidos vivos mas mortos em questão de horas, dias, semanas no máximo. Todo o tumulto, o escândalo, para fazer o segundo casamento, e o problema continua. Henrique ainda não tem um filho para sucedê-lo. Ele é pai de um bastardo, Harry, duque de Richmond, um belo menino de dezesseis anos: mas de que lhe serve um bastardo? De que lhe serve a filha de Ana, a infanta Elizabeth? Algum mecanismo especial talvez tenha de ser criado para que Harry Fitzroy possa reinar, caso algum infortúnio ocorra a seu pai. Ele, Thomas Cromwell, mantém ótimas relações com o jovem duque; mas essa dinastia, ainda nova quando se fala em realeza, não está bastante segura para sobreviver a tal curso. Os Plantageneta foram reis outrora e acham que serão reis novamente; pensam que os Tudor são um interlúdio. As antigas famílias da Inglaterra estão ansiosas e prontas para fazer valer seu sangue, em especial desde que Henrique rompeu com Roma; elas dobram o joelho em reverência, mas estão conspirando. Ele quase pode ouvi-las, escondidas entre as árvores.

Talvez você encontre uma noiva na floresta, disse o velho Seymour. Quando ele fecha os olhos, ela desliza por trás de suas pálpebras, velada por teias de aranha e banhada em orvalho. Seus pés estão descalços, enredados por raízes, seu cabelo de plumas voa entre os ramos; seu dedo, chamando, é uma folha enroscada. Ela aponta para ele, quando o sono o domina. Sua voz interior zomba dele agora: você pensou que tiraria uma folga em Wolf Hall. Pensou que não haveria nada a fazer aqui exceto o trabalho habitual, guerra e paz, fome, conchavos e tramoias; uma colheita fracassada, um populacho teimoso; a praga devastando Londres, e o rei perdendo as calças no carteadado. Você estava preparado

para isso.

No limite de sua visão interior, por trás dos olhos fechados, ele pressente algo que está para surgir. Chegará com a aurora; algo que se move e respira, sua forma camuflada num bosque ou numa clareira.

Antes de cair no sono, ele pensa no chapéu do rei sobre os galhos de uma árvore da madrugada, empoleirado como uma ave vinda do paraíso.

No dia seguinte, para não cansar as damas, eles encurtam a caçada do dia e voltam cedo a Wolf Hall.

Para ele, é uma chance de se livrar da roupa de montaria e tratar dos despachos. Ele tem esperança de que o rei se sente por uma hora e ouça o que ele tem a dizer. Mas Henrique indaga: “Lady Jane, gostaria de passear no jardim comigo?”.

Ela se põe de pé no mesmo instante; mas franzindo a testa, como se tentasse compreender o sentido daquilo. Seus lábios se movem, e ela quase chega a repetir as palavras dele: passear... Jane?... No jardim?

Ah, sim, claro, honrada. Sua mão, uma pétala, paira sobre a manga do rei; depois ela a baixa, e a pele roça o bordado.

Há três jardins em Wolf Hall, e são chamados o grande jardim cercado, o jardim da velha senhora e o jardim da moça. Quando ele pergunta quem eram elas, ninguém recorda; a velha senhora e a moça estão há muito enterradas, não existe diferença entre as duas agora. Ele se lembra de seu sonho: a noiva feita de raízes, a noiva feita de musgo.

Ele lê. Ele escreve. Algo chama a sua atenção. Ele se ergue e olha pela janela para os passeios abaixo. As vidraças são pequenas e há uma oscilação no vidro, então ele precisa torcer o pescoço para poder ver direito. Ele pensa, eu poderia enviar meus vidraceiros, ajudar os Seymour a ter uma noção mais clara do mundo. Ele tem uma equipe de holandeses que trabalha em suas várias propriedades. Antes, trabalhava para o cardeal.

Lá embaixo, Henrique e Jane caminham. Henrique é uma figura enorme e Jane é como uma pequena boneca articulada, sua cabeça não alcança nem os ombros do rei. Um homem largo, um homem alto, Henrique domina qualquer sala onde entre; e isso aconteceria mesmo que Deus não lhe tivesse concedido a dádiva da realeza.

Agora Jane está atrás de um arbusto. Henrique assente para ela; está falando com ela; está lhe explicando algo com ar sério, e ele, Cromwell, observa, coçando o queixo: a cabeça do rei está ficando maior? Será que isso é possível, na meia-idade?

Hans deve ter notado, pensa ele, perguntarei quando voltarmos para Londres. É quase certo que eu esteja enganado; deve ser apenas o vidro.

Nuvens se aproximam. Uma gota pesada acerta a vidraça; ele pisca; a gota se espalha, se amplia, escorre contra os pinázios. Jane ressurgue em sua linha de visão. Henrique leva a mão dela firmemente presa em seu braço, aprisionada por sua outra mão. Ele pode ver a boca do rei ainda se mexendo.

Ele volta a sentar-se. Ele lê que os construtores que trabalham nas fortificações em Calais largaram as ferramentas e estão exigindo seis pence por dia. Que seu novo casaco de veludo verde chegará a Wiltshire pelo próximo mensageiro. Que um cardeal Médici foi envenenado pelo próprio irmão. Ele boceja. Lê que os fazendeiros da ilha de Thanet estão deliberadamente aumentando o preço dos grãos. Se dependesse dele, enforcaria os fazendeiros, mas o líder talvez seja algum lorde insignificante que está promovendo a fome de olho nos lucros polpudos, então é preciso ir com cuidado. Dois anos atrás, em Southwark, sete londrinos morreram pisoteados ao brigarem por um donativo de pão. É uma vergonha para a Inglaterra que os súditos do rei passem fome. Ele pega a pena e faz uma anotação.

Logo — não é uma casa grande, dá para ouvir tudo — ele ouve uma porta lá embaixo, e a voz do rei, e um leve murmúrio de solicitude em torno dele... pés molhados, majestade? Ele

ouve o passo pesado de Henrique se aproximando, mas Jane parece ter desaparecido no ar sem um só ruído. Certamente a mãe e as irmãs a arrastaram para outro lado, a fim de saber tudo que o rei disse a ela.

Quando Henrique chega até ele, aproximando-se por trás, ele empurra a cadeira para se erguer. Henrique faz um gesto com a mão: pode ficar sentado. “Majestade, os moscovitas tomaram trezentas milhas de território polonês. Dizem que cinquenta mil homens foram mortos.”

“Oh”, Henrique exclama.

“Espero que poupem as bibliotecas. Os acadêmicos. Há excelentes eruditos na Polônia.”

“Hum? Também espero.”

Ele volta a seus despachos. Praga no campo e na cidade... o rei tem sempre muito medo de infecção... Cartas de governantes estrangeiros, querendo saber se é verdade que Henrique planeja decapitar todos os seus bispos. Certamente que não, ele escreve, temos bispos excelentes agora, todos conformados à vontade do rei, todos reconhecendo-o como chefe da Igreja na Inglaterra; além disso, que pergunta grosseira! Como se atrevem a insinuar que o rei da Inglaterra deveria prestar contas a alguma potência estrangeira? Como se atrevem a contestar seu soberano juízo? O bispo Fisher está morto, é verdade, assim como Thomas More, mas, antes que eles o levassem a esse extremo, o tratamento que Henrique dispensou aos dois foi quase brando demais; se eles não tivessem insistido tanto na traição, estariam vivos agora, vivos como você e eu.

Ele tem escrito muitas dessas cartas desde julho. Não soa totalmente convincente, nem para si mesmo; ele se vê repetindo os mesmos pontos, em vez de conduzir o debate a um novo território. Precisa de novas frases... Henrique marcha de lá para cá às suas costas. “Majestade, o embaixador imperial Chapuys indaga se pode viajar ao norte para visitar sua filha, Lady Maria.”

“Não”, Henrique diz.

Ele escreve a Chapuys, *Espere, apenas espere até que eu esteja de volta a Londres, quando tudo será arranjado...*

Nenhuma palavra do rei: somente a respiração, a marcha, o rangido de um armário onde ele se detém e se apoia.

“Majestade, eu soube que o lorde governador de Londres quase não sai de casa, de tão abalado pela enxaqueca.”

“Hum?”, Henrique diz.

“Eles o estão sangrando. Isso é o que sua majestade aconselharia?”

Uma pausa. Henrique se concentra nele, com algum esforço. “Perdão, mas sangrando para quê?”

Isso é estranho. Por mais que odeie notícias da peste, Henrique sempre gosta de saber dos pequenos males dos outros. Confesse ter dado um espirro, ou estar sofrendo de uma cólica, e ele fará uma poção de ervas com as próprias mãos e ficará por perto enquanto você engole.

Ele baixa a pena. Vira-se para encarar o rosto de seu monarca. É claro que a mente de Henrique ainda não deixou o jardim. O rei exhibe uma expressão que ele já viu antes, ainda que em animais, não em homens. Ele parece perplexo, como um bezerro esmurrado na cabeça pelo açougueiro.

Esta será a última noite deles em Wolf Hall. Ele desce muito cedo, os braços cheios de papéis. Alguém já acordou antes dele. Imóvel no grande salão, uma pálida presença à luz leitosa, Jane Seymour está vestida em sua rígida elegância. Ela não vira a cabeça para cumprimentá-lo, mas o vê pelo canto do olho.

Se ele já teve algum sentimento por ela, não consegue encontrar nenhum vestígio agora. Os meses fogem de nós como um turbilhão de folhas de outono, rolando e se sacudindo rumo ao inverno; o verão se foi, a filha de Thomas More recuperou a cabeça do pai da ponte de Londres e hoje a mantém Deus sabe onde, num prato ou numa tigela, e a ela dirige suas preces. Ele não é o mesmo que era no ano passado, e não reconhece os

sentimentos daquele homem; está recomeçando do zero, sempre com novos pensamentos, novos sentimentos. Jane, ele começa a dizer, você finalmente poderá despir seu melhor vestido, ficará feliz em nos ver na estrada...?

Jane está com os olhos voltados para a frente, cravados na distância, como uma sentinela. As nuvens foram sopradas para longe durante a noite. Talvez tenhamos mais um belo dia. O sol recém-nascido toca os campos, rosados a essa hora. Os vapores da noite se dispersam. As formas das árvores se tornam definidas aos poucos. A casa está acordando. Cavalos deixados soltos durante a noite pisoteiam a terra e relinçam. Uma porta bate nos fundos. Passos rangem acima deles. Jane mal parece respirar. Nenhum arfar perceptível naquele peito reto. Ele sente que deveria recuar, retirar-se, sumir de volta na noite e deixá-la ali no momento que ela ocupa: contemplando a Inglaterra.

2. Corvos

Londres e Kimbolton, outono de 1535

Stephen Gardiner! Chegando quando ele está saindo, marchando em direção à câmara do rei, uma pasta debaixo de um dos braços, balançando o outro no ar. Gardiner, bispo de Winchester: retumbando como uma tempestade, logo hoje que finalmente temos um belo dia.

Quando Stephen entra numa sala, o mobiliário recua para longe dele. As cadeiras se arrastam para trás. Os banquinhos se amontoam e parecem cadelas urinando. As figuras bíblicas nas tapeçarias do rei erguem as mãos para tapar os ouvidos.

Na corte, você já esperava que ele fosse aparecer. Era possível prever. Mas aqui? Enquanto ainda estamos caçando pelos campos e (teoricamente) descansando? “É um prazer, meu lorde bispo”, ele diz. “Faz bem ao meu coração vê-lo com tão boa aparência. Em breve a corte partirá para Winchester, e eu não pensei que desfrutaria da sua companhia antes disso.”

“Surpreendi sua tropa, Cromwell.”

“Estamos em guerra?”

O rosto do bispo diz, você sabe que estamos. “Foi você quem me banuiu.”

“Eu? Nunca pense isso, Stephen. Senti sua falta todos os dias. Além do mais, banido não. Temporariamente retirado para o campo.”

Gardiner lambe os lábios. “Você verá como passei meu tempo no interior.”

Quando Gardiner perdeu o cargo de secretário-mor — e perdeu para ele, Cromwell —, fora-lhe sugerido que uma temporada em sua própria diocese, em Winchester, talvez fosse aconselhável, pois ele havia se interposto demais entre o rei e sua segunda esposa. Como ele dissera, “Meu lorde de Winchester, uma declaração ponderada acerca da supremacia do rei talvez seja bem-vinda, apenas para que não haja nenhuma dúvida quanto à sua lealdade. Uma declaração firme de que ele é o chefe da Igreja inglesa e, por direito, sempre foi. Uma afirmação bastante eloquente de que o papa é um príncipe estrangeiro sem jurisdição aqui. Um sermão escrito, talvez, ou uma carta aberta. Para esclarecer quaisquer ambiguidades nas suas opiniões. Para servir de exemplo a outros religiosos, e para dissuadir o embaixador Chapuys da ideia de que você foi comprado pelo imperador. Você deveria fazer uma declaração para toda a cristandade. Na verdade, por que não volta para sua diocese e escreve um livro?”.

Agora ali está Gardiner, afagando um manuscrito como se fosse a bochecha de um bebê gorducho. “O rei ficará contente em ler isso. Eu o intitulei *Da verdadeira obediência*.”

“É melhor que você me deixe dar uma olhada antes que seja impresso.”

“O próprio rei lhe descreverá o conteúdo. É uma obra que mostra por que juramentos ao papado não têm efeito algum, mas de que modo nosso juramento ao rei, como chefe da Igreja, é bom. Enfatiza que a autoridade de um rei é divina, a ele concedida diretamente por Deus.”

“E não por um papa.”

“De maneira alguma; vem de cima para baixo, do próprio Deus, sem intermediários, e tampouco flui de baixo para cima, a partir dos seus súditos, como você certa vez disse a ele.”

“Eu disse? Fluir de baixo para cima? Parece haver uma dificuldade aí.”

“Você trouxe para o rei um livro que defendia tal ideia, o livro

de Marsílio de Pádua, seus quarenta e dois artigos. O rei disse que você os martelou nele até lhe latejar a cabeça.”

“Eu deveria ter resumido a questão”, diz ele, sorrindo. “Na prática, Stephen, para cima, para baixo... pouco importa. ‘A palavra do rei é suprema, e quem poderá lhe dizer: O que fazes?’”

“Henrique não é um tirano”, diz Gardiner, com rigidez. “Eu refuto qualquer ideia de que seu regime não esteja legalmente fundamentado. Se eu fosse rei, desejaria que minha autoridade fosse totalmente legítima, universalmente respeitada e, se questionada, bravamente defendida. Você não?”

“Se eu fosse rei...”

Ele estava prestes a dizer, se eu fosse rei, defenestraria sua pessoa. Gardiner prossegue: “Por que está olhando pela janela?”

Ele sorri, distraído. “O que será que Thomas More diria do seu livro?”

“Ah, ele o detestaria profundamente, mas não dou a mínima para a opinião dele”, diz o bispo, exaltado, “uma vez que seu cérebro foi comido por corvos e seu crânio virou uma relíquia que a filha dele adora de joelhos. Por que deixou que ela pegasse a cabeça da ponte de Londres?”

“Você me conhece, Stephen. O fluido da benevolência corre nas minhas veias e por vezes transborda. Mas escute, se está tão orgulhoso do seu livro, talvez deva passar mais tempo no campo, escrevendo.”

Gardiner fecha a cara. “Você é quem deveria escrever um livro. Seria algo interessante de se ver, com esse seu latim viralata e seu grego pífiio.”

“Eu escreveria em inglês”, responde ele. “Uma língua boa para todos os assuntos. Entre, Stephen, não faça o rei esperar. Você o encontrará de bom humor. Harry Norris está com ele hoje. E Francis Weston.”

“Ah, aquele janota linguarudo”, diz Stephen. Ele faz um movimento de quem dá uma bofetada. “Obrigado pela

informação.”

Será que o Weston fantasma sente o tapa? Uma lufada de risos sopra dos aposentos de Henrique.

O tempo bom não durou muito mais que a estada em Wolf Hall. Mal saíram da floresta Savernake, foram engolidos por uma névoa úmida. Faz mais ou menos uma década que chove na Inglaterra, e a colheita será pobre outra vez. Estima-se que o preço do trigo aumente para vinte xelins o quarto de libra. Então o que fará o trabalhador neste inverno, o homem que ganha cinco ou seis pence por dia? Os especuladores já avançaram, não apenas na ilha de Thanet, mas também pelos condados. Ele colocou seus homens no encalço deles.

Que um inglês lucrasse fazendo outro passar fome era algo que deixava o cardeal surpreso. Mas ele costumava então lhe dizer: “Já vi um mercenário inglês cortar a garganta do seu compatriota, puxar o lençol debaixo do seu corpo enquanto ele ainda estrebuchava, revirar sua sacola e afanar uma medalha de santo junto com seu dinheiro”.

“Ah, mas ele era um matador de aluguel”, dizia o cardeal. “Esses homens não têm alma a perder. Contudo, a maioria dos ingleses teme a Deus.”

“Os italianos não concordam com isso. Eles dizem que a estrada que liga a Inglaterra ao inferno está gasta de tanto ser pisada, e que daqui até lá o caminho é sempre morro abaixo.”

Todos os dias ele pondera sobre o mistério de seus compatriotas. Ele já viu assassinos, sim; mas viu também um soldado faminto abrir mão de um pão para dá-lo a uma mulher, uma mulher que não significava nada para ele, e se afastar dando de ombros. É melhor não testar as pessoas, não forçá-las ao desespero. Faça com que prosperem; a abundância as tornará generosas. Barriga cheia gera boas maneiras. O aperto da fome cria monstros.

Alguns dias depois de seu encontro com Stephen Gardiner,

quando a corte itinerante chegou a Winchester, novos bispos foram consagrados na catedral. “Meus bispos”, Ana os chamou: evangelistas, reformistas, homens que a veem como uma oportunidade. Quem teria imaginado Hugh Latimer como bispo? Seria mais provável imaginá-lo queimado, carbonizado em Smithfield com o Evangelho na boca. E, no entanto, quem iria pensar que Thomas Cromwell seria alguma coisa? Quando Wolsey caiu, a conclusão lógica seria que, como funcionário de Wolsey, ele estaria arruinado. Quando sua esposa e suas filhas morreram, era de se esperar que a perda o matasse. Mas Henrique buscou seu serviço; Henrique tomou seu juramento de lealdade; Henrique pediu que ele colocasse seu tempo à disposição dele e disse, venha, mestre Cromwell, tome meu braço: cruzando pátios e salões de trono, seu caminho na vida agora se tornou suave e claro. Quando jovem, ele estava sempre abrindo caminho a cotoveladas por entre as multidões, tentando chegar à frente para ver o espetáculo. Mas agora as multidões se abrem quando ele atravessa Westminster ou os arredores de qualquer palácio do rei. Desde que ele foi empossado conselheiro, mesas e baús de viagem e cães soltos são varridos de seu caminho. As mulheres silenciam seus sussurros, puxam as mangas dos vestidos para baixo e ajustam os anéis nos dedos, desde que ele foi nomeado arquivista-mor. Agora que ele é secretário-mor do rei, os detritos da cozinha, a bagunça dos escrivães e os banquinhos dos subalternos são chutados para os cantos e tirados de suas vistas. E, exceto por Stephen Gardiner, ninguém corrige seu grego; não agora que ele é chanceler da Universidade de Cambridge.

De forma geral, o verão de Henrique tem sido um sucesso: atravessando Berkshire, Wiltshire e Somerset ele se exibiu às pessoas nas estradas, e (quando a chuva não estava desabando) elas se enfileiraram à beira das vias e celebraram sua passagem. Por que não o fariam? É impossível ver Henrique sem ficar impressionado. Sempre que o vemos, somos novamente